

## Amor, Trabalho e Conhecimento: As Fontes da Vida

Larissa Rafaelly  
Sales Duarte<sup>1</sup>;  
Eliana Maria Cunha  
de Castro<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmica  
graduanda do Curso  
de Psicologia da  
Devry-Unifavip.  
Avenida Adjar da Silva  
Casé, 800,  
Indianópolis. Caruaru-  
PE.  
Larissarafaelly.duarte  
@live.com

<sup>2</sup> Professora Mestre em  
Psicologia da Devry-  
Unifavip. Avenida  
Adjar da Silva Casé,  
800, Indianópolis.  
Caruaru-PE.  
Eliana.castro@unifavip  
.edu.br.

**Resumo:** Este artigo apresenta uma breve discussão a partir da concepção de Reich sobre as fontes da vida e no desenho do Zé Ninguém que retratou em livro com o título homônimo. Dialogando com Reich, o artigo traz a relação entre trabalho e prazer fundamentada na Teoria da Psicodinâmica do Trabalho de Christophe Dejours. Reflete-se sobre o tema, tendo como objeto central a saúde no sentido da capacidade do sujeito recuperar-se de possíveis adoecimentos e de fazer escolhas que o mantenham no contexto saudável da vida. O trabalho é entendido como fonte de saúde e doador de sentido para o sujeito. O conhecimento refere-se à sabedoria de fazer escolhas conscientes que promovam o bem-estar e o prazer. E o amor é entendido como a base necessária para que o sujeito possa acolher a vida e expressar suas emoções de forma adequada. As condições atuais de vida que convocam o sujeito ao individualismo levam-nos a pensar se haveria no mundo contemporâneo um Zé Ninguém tal qual Reich retratou séculos atrás e, se havendo, qual a possibilidade de a experiência do sujeito com o trabalho ser permeada pelo amor e pelo conhecimento. Há um convite expresso ao leitor para refletir sobre a relação com o trabalho enquanto autor da sua vida e comprometer-se com as estratégias que podem modificar o modo de gestão e funcionamento das relações no ambiente de trabalho que levam ao adoecimento. A pesquisa teve como fonte de dados, publicações científicas no google acadêmico, google e scielo e foi elaborada através de estudos bibliográficos.

**Palavras-chaves:** Amor. Trabalho. Conhecimento.

## Love, Work and Knowledge: The Sources of Life

**Abstract:** This article presents a brief discussion based on Reich Conception about the source of life and the cartoon Ze Ninguem, which portrayed in a book. Based on Reich, this article brings the relation between work and pleasure substantiated on Psychodynamic Theory by Christopher Dejours. This work reflects about the title of this article aiming health in an individual recovery potential from possible diseases and to make healthier life style choices. This study is understood as a health source to the subject. The knowledge refers to wisdom to make healthier choices that will bring pleasure and well-being. Love is understood as the necessary foundation so the subject could chose life and express his emotions accordingly. These actual conditions in life could guide the subject to individualism, which make us thinking if in a contemporary world a Ze Ninguem character as well as Reich described many decades ago would exist. Which experience possibility he would have with work based on love or wisdom? I invite the readers to reflect about the work relation as an author of life and to compromise with the strategies that may modify the environment and relationships guiding us to sickness. This research used as data foundation, science based publications, google and scielo. It was developed through bibliographic editorials.

**Keywords:** Love. Work. Knowledge.

## Introdução

O título deste artigo faz referência a uma frase de Wilhelm Reich publicada no livro “A Função do Orgasmo” em 2004 (p.21), e convida-nos a pensar na condição de vida do homem que ele desenhou no livro “Escuta, Zé Ninguém” (1982) no qual Reich denunciava como todos nós somos levados a pensar e agir conforme os agentes de controle que nos cercam: política, religião, família, educação, etc., convidando-nos a sair de tal condição.

Para Reich (1946 - 1982), o Zé Ninguém teme a si próprio, teme a crítica, o poder, a liberdade, e ele mesmo torna-se seu algoz. O Zé Ninguém tem medo de crescer, de ter sucesso, e qualquer tentativa nessa direção é bloqueada e ele retorna a já conhecida sensação de desvalia; ali a dor já lhe é familiar. Para sair dessa condição, seria preciso amar tudo o que faz. Amor, trabalho e conhecimento (outras vezes, Reich usa sabedoria ao invés de conhecimento) são fontes que deveriam governar a vida de qualquer pessoa.

Antes de tudo, o amor, porque partindo das ideias de Reich entende-se que o amor é uma qualidade de ser; é uma abertura para acolher e, também para se expressar, mantendo-se em contato com os próprios sentimentos, pois só assim poderá amar e entregar-se ao amor.

O termo fonte usado por Reich faz referência ao conceito de energia vital, a energia que circula no organismo de todos os seres vivos. Assim como o amor, o trabalho pode ser uma fonte de prazer que não está, necessariamente, ligado a causas fisiológicas ou relativas ao parceiro afetivo. O conhecimento refere-se a um saber que serve às escolhas que se deve fazer, não estando separado da vivência e da experiência.

Na perspectiva Reichiana, o parâmetro é sempre a saúde: a possibilidade de recuperar-se diante do adoecimento, a capacidade de entrar em contato com sentimentos agradáveis e desagradáveis, escolhendo o que lhe faz bem. Saúde significaria permitir que o amor, o trabalho e o conhecimento sejam fontes de nossas vidas e possam governá-las.

Pensar o trabalho como fonte de prazer pode parecer um equívoco em épocas atuais, quando se fala exaustivamente em adoecimentos decorrentes da atividade profissional.

Entretanto, surge contemporaneamente a voz de Christopher Dejours levando-nos a pensar na possibilidade de o trabalho ser uma fonte de prazer para quem o realiza, convocando

o sujeito a implicar-se nas mudanças necessárias na estrutura e formas de funcionamento das empresas que são fontes de sofrimento.

O referente artigo traz a importância dos estudantes buscarem práticas que os auxiliem a ver o ser humano de modo integral. E a presença do afeto na relação diária que o homem tem com a sua atividade laboral, sendo preciso trazer para o meio social a visão de que o trabalho também é um lugar de afeto possível de gerar prazer. A busca de sentido e prazer em tudo que se faz é essencial para a vida do homem, não vendo apenas o lado negativo gerador de sofrimento, mas também o amor e o quanto é fundamental manter um equilíbrio das fontes que regem a nossa vida.

Neste artigo, discute-se o trabalho como fonte de vida, doador de prazer e sentido ao homem. Para atingir este objetivo, temos como ponto de partida as ideias de Wilhelm Reich sobre as fontes da vida; em seguida, apresentamos as ideias de Christopher Dejours sobre a relação prazer e sofrimento no trabalho e, finalizando, uma breve discussão nos resultados sobre o modo de estar no mundo do homem contemporâneo: haveria saída para o Zé Ninguém nos dias atuais?

Este artigo configura uma pesquisa qualitativa, cuja característica é o aprofundamento do tema estudado, permitindo a análise interpretativa desse para a realidade, através da revisão bibliográfica.

## **Fundamentação Teórica**

### **As fontes da vida na perspectiva Reichiana**

Wilhelm Reich via a si próprio como um cientista natural e referenciou-se ao longo de sua trajetória por uma perspectiva energética, enfatizando as forças inconscientes ou instituais biológicas. Para ele, o amor seria uma dimensão de vinculação com a vida, afirmando que a vida “se faz pelo amor e para o amor” (REICH, 1999, p.38). Entendia que a condição amorosa do ser humano apenas seria possível a partir da entrega na vida cotidiana: nas relações afetivas, sociais, sexuais, educacionais e de cuidado com a saúde.

Ao mesmo tempo em que considerava o amor como algo transformador e revolucionário, Reich (1999) reconhecia o poder do amor de nos expor à dor profunda,

apontando exemplos de pessoas que viveram a vida na condição amorosa, como Gandhi e Jesus Cristo.

Ele acreditava que Cristo conheceu as coisas naturais, inclusive o amor físico e a mistificação do amor a algo espiritual seria a causa da cisão do amor no corpo, nas relações naturais entre as pessoas e, portanto, entendia que a sexualidade era uma expressão divina de amor.

Reich foi quem se referiu ao amor como a energia maior, a energia primordial que precede todas as formas de vida e podemos pensar até mesmo foi com essa energia que Deus criou todos os seres vivos. Portanto, pode-se afirmar que a energia vital que sustenta a vida humana é proveniente da energia do amor. Pelo caráter divino desta energia, Reich atribuiu ao homem uma capacidade natural de amar, característica tal, encerrada em sua própria essência (SILVA; VOLPI, 2016, p.5).

Importante frisar que Reich defendia que haveria relacionamentos amorosos de outra ordem, não necessariamente decorrentes da experiência sexual, pois o amor deveria estar presente governando a própria vida. E ainda que ao usar o termo “sexual”, Reich referia-se a tudo o que pode proporcionar prazer, não se atendo à genitalidade. (VOLPI; VOLPI, 2003).

Ao deparar-se com a análise dos processos e condições socioeconômicas relativas ao trabalho feitas por Karl Marx, Reich se interessou pelo conceito de força de trabalho viva, entendendo que tal força, assim como a sexualidade seria abastecida por uma energia biológica que se bem utilizada beneficiaria o desenvolvimento da pessoa a partir da atividade laboral, o que não ocorreria se houvesse obstáculos à realização da tarefa ou o impedimento para que a pessoa pudesse colocar algo de si mesma na execução desta.

Reich (1982) afirmava que para libertar o Zé Ninguém era preciso usar de sabedoria, de um conhecimento sobre si mesmo, sobre as próprias prisões que nos encorçam e impedem de amar plenamente. Defendia, então, que “o amor, o trabalho e o conhecimento são fontes de nossas vidas. Deviam também governá-las”. (REICH, 2004,p.21)

Silva e Volpi (2016), partindo da concepção de Reich de que a energia vital é o que sustenta a vida e que a saúde ou a patologia que podem acometer o indivíduo está relacionada diretamente à forma como o mesmo reage à expressão ou à falta de amor, ressalta

que é preciso olhar de modo mais atento às relações humanas, cuidando para não desviar o amor da sua real função que seria levar o indivíduo na direção de uma vida saudável.

Ainda segundo Reich (1975), qualquer perturbação que possa acometer um indivíduo na sua capacidade natural de amar pode trazer enfermidades psíquicas, devido aos bloqueios da energia biológica, portanto a cura para as perturbações psíquicas consiste, essencialmente, no restabelecimento da capacidade de o indivíduo sentir prazer (SILVA; VOLPI, 2016, p. 9).

Manter cabeça e coração em sintonia na promoção da saúde não é um exercício fácil na sociedade atual, cada vez mais somos cindidos entre a mente e o restante do corpo. Lowen (1990, p. 192), discípulo de Reich e criador da Análise Bioenergética, afirmava que:

Para nos tornarmos pessoas amorosas, precisamos curar a cisão entre ego e o coração, o que não significa que o ego deva abdicar de sua posição como árbitro da realidade, ou que a cabeça deve render-se e perder sua hegemonia dentro da hierarquia da personalidade. Mas, significa sim que cabeça e o coração devem trabalhar em conjunto para promover a saúde e a felicidade da pessoa.

Pensar na possibilidade de viver a atividade laboral mergulhados no sentido do prazer atribuído por Reich parece-nos quase impossível diante da forma como o trabalho está organizado na vida contemporânea. Buscamos, então, dialogar com a Teoria da Psicodinâmica do Trabalho, criada por Christophe Dejours para pensar alternativas.

### **O trabalho como fonte de prazer na perspectiva Dejouriana.**

Na sociedade contemporânea, o trabalho é a principal ferramenta que o ser humano utiliza para sobreviver. Bastos, Pinho e Costa (1995) entendem o trabalho como uma necessidade existencial, que faz parte da vida do ser humano, sendo necessário para a sobrevivência do mesmo, garantindo a satisfação de suas necessidades básicas quanto aos aspectos fisiológicos, de segurança, educação, lazer, bem-estar social e autoestima. E segundo Toledo e Guerra (2009), o trabalho, além de prover a subsistência do trabalhador, também é importante para as necessidades psicológicas, com destaque para a autorrealização, pois é a partir do momento que o indivíduo desempenha uma função que ele se vê

inserido na sociedade, portanto, é um elemento crítico e contribuidor para o autoconceito e construção do caráter estruturante, favorecendo o desenvolvimento dos níveis pessoais e sociais, e na definição de identidade do indivíduo.

Na época industrial, o trabalho era visto como uma fonte de sofrimento, com a realização de atividades monótonas, as quais sobrecarregavam os trabalhadores, prejudicando a sua condição de saúde, que foi se agravando:

O desenvolvimento industrial e a acentuação da divisão entre concepção e execução do trabalho, a aplicação direta destes princípios trouxe graves prejuízos à saúde física e mental dos trabalhadores, em consequência de prolongadas jornadas de trabalho, ritmo acelerado da produção, fadiga física, e, sobretudo, automação, não participação no processo produtivo e parcelamento das tarefas (MENDES, 1995, p. 34).

O trabalho, segundo Oliveira et al. (2004), está associado à noção de emprego, receber um salário que permita a sobrevivência, mantendo as pessoas ocupadas, pois o trabalho ajuda a nortear o sentido de tempo vivido e a evitar o vazio, a ansiedade; sendo visto por Dejours (1992) como uma fonte geradora de prazer, satisfação e também de sofrimento. E representa, de acordo com Tolfo e Piccinini (2007), a expressão dos valores, crenças, desejos e importância para o homem.

O modo de trabalhar foi se transformando ao longo da história da humanidade e o tempo dedicado à atividade laboral atualmente ocupa um grande percentual na vida do ser humano, reduzindo o tempo disponível para realizar outras atividades. O tempo que é vivido diariamente no ambiente de trabalho e o modo como a atividade é desempenhada ou como ela se organiza torna-se uma fonte canalizadora de emoções e experiências vividas no local de trabalho que podem criar um ambiente saudável e prazeroso ou propício ao adoecimento.

A pesquisa de Morin, Tonelli e Pliopas (2007) mostra que o trabalho pode assumir a posição entre a neutralidade e a centralidade na vida pessoal e social das pessoas, sendo, assim, fundamental para a estruturação do sujeito no meio social.

Uma necessidade vital, uma obrigação social e um dever moral, cuja contrapartida é o status social que ele confere e a satisfação pessoal que

proporciona. O trabalho tem uma dimensão instrumental (ganhar a vida), mas, apesar de seu caráter penoso, ele comporta também uma forte dimensão expressiva (realizar-se social e pessoalmente) (BAJOIT; FRANSSEN, 1997, p. 79)

Para Morin (2001), Borges e Alves Filho (2001), o trabalho tem um papel fundamental na identidade do indivíduo, pois influencia a motivação dos trabalhadores e a sua satisfação, por realizar um trabalho que tenha sentido, seja útil e produtivo, para a organização e para a sociedade e que permita o desenvolvimento, valorização, reconhecimento e proporcione crescimento, na vida pessoal e profissional, como um participante ativo do “mundo do trabalho”, criando então um sentimento de autorrealização, ao desempenhar esse trabalho. (OLIVEIRA et al., 2004).

Estelle Morin (2001) afirmou que foi possível observar em sua pesquisa que o trabalho é mais que um meio de subsistência, ele também é visto como uma forma de transformar a natureza e o meio organizacional, criando valor e construindo algo que irá acrescentar tanto aos colaboradores como às organizações da qual fazem parte. E é através desta construção, que estabelecem uma relação de troca com a organização, alcançando os seus objetivos organizacionais como uma forma de se atingir sua realização pessoal.

O trabalho é para Martins e Oliveira (2012, p. 230) “essencial ao crescimento, desenvolvimento e sobrevivência do ser humano e, ainda, fonte de prazer”. Para Tolfo e Piccinini (2007, p.40), “o trabalho é rico de sentido individual e social, é um meio de produção da vida de cada um ao prover subsistência, criar sentidos existenciais ou contribuir na estruturação da identidade e da subjetividade”.

De acordo com Oliveira et al (2004), o trabalho passa a ser percebido como um esforço físico ou intelectual, que faz parte da subjetividade do homem, dos seus valores e desejos que são direcionados para chegar a um determinado fim. A questão crucial na relação do homem com o trabalho passou a ser o modo como a atividade está organizada e é gerenciada que possibilita ou não a construção de um sentido saudável para o sujeito, sem negar a existência do sofrimento nem do prazer.

O trabalho, além de ter um caráter de julgamento utilitário, significa para o trabalhador uma forma de afirmar sua identidade por meio das atribuições individuais inseridas por ele na realização da tarefa. Desta forma, o sentido atribuído pelos indivíduos ao trabalho é composto pela utilidade para a organização e para a sociedade, relacionado com a ideia de finalidade e objetivo. Ao mesmo tempo, confere ao operário a identificação com a tarefa, permitindo o sentimento de

realização e satisfação com a execução de um trabalho, além de sentir-se inserido no grupo ao ter seu trabalho reconhecido pelos pares (DEJOURS, 1997, apud OLIVEIRA et al, 2004, p. 3).

As organizações devem proporcionar oportunidades para que o colaborador realize atividades que tenham sentido e que sejam de acordo com as suas competências, para que possam desenvolver e aprimorar suas potencialidades e se reconheça como parte ativa da organização, na qual ele possa evoluir, desempenhando um trabalho satisfatório e prazeroso para ele e para a empresa, estimulando assim o seu crescimento e também a possibilidade de “praticar e de desenvolver suas competências, de exercer seus julgamentos e seu livre-arbítrio, de conhecer a evolução de seus desempenhos e de se ajustar” (MORIN, 2001, p.9).

O trabalho com sentido possui, de acordo com Toledo e Guerra (2009, p.5), um “forte potencial de motivação sobre o trabalhador, a própria organização e mesmo as outras esferas da vida.” O que se justifica pelo trabalhador gostar do que faz e por transformá-lo em fonte de satisfação e prazer. Um trabalho que tenha sentido é desenvolvido por atividades que tenham importância sejam úteis e significativas para o colaborador e para a sociedade, trazendo satisfação e sentido para a vida do colaborador, fazendo com que sua realização gere prazer.

Um dos pontos destacados tanto por Morin (2001), quanto por Tolfo e Piccinini (2007) é que o trabalho que tem sentido deve auxiliar e estimular o colaborador a conhecer mais sobre a atividade que desempenha, sentindo-se satisfeito com o que realiza, estando motivado e buscando o seu crescimento para obter um melhor desempenho na organização. Pois, “o sentido que as pessoas encontram o seu trabalho depende de fatores tais como autonomia, reconhecimento, desenvolvimento e crescimento, o que nem sempre as organizações oferecem” (TOLFO; PICCININI, 2007 p. 43).

Dejours vê o trabalho como uma fonte geradora de prazer e satisfação, mas também de sofrimento, pois em todo ambiente de trabalho existe conflitos, dificuldades que podem levar à satisfação ou à insatisfação. Então, trabalhar consiste em se deparar com os imprevistos e com a sensação inicial de insuficiência de conhecimentos, o que conduz à vivência de sofrimento, mas esse contexto, segundo o autor, também pode ser ressignificado, dando outro sentido através das experiências vividas no ambiente de trabalho e do conhecimento adquirido posteriormente.

Dejours (1992) não vê o trabalho como um fardo ou enlouquecedor, mas como um fator que pode levar o indivíduo ao sofrimento psíquico, mas vai depender do ambiente de trabalho e da forma como cada pessoa lida com determinada situação. Rodrigues, Alvaro e Rondina (2006, p.7) ressaltam que, segundo Dejours, “o sofrimento é individualizado e depende da construção social e psíquica de cada pessoa”.

Para Dejours (1992), os colaboradores são capazes de se protegerem dos efeitos negativos e patológicos do ambiente de trabalho, resguardando a sua saúde mental, criando formas de ressignificar o sentimento negativo, causador de dor e sofrimento.

O trabalho não é lugar só do sofrimento ou só do prazer, mas é proveniente da dinâmica interna das situações e da organização do trabalho, ou seja, é produto desta dinâmica, das relações subjetivas, condutas e ações dos trabalhadores, permitidas pela organização do trabalho (MENDES, 1995, p. 36).

O caminho que conduz ao trabalho saudável é aquele que respeita a identidade em construção, os potenciais e os limites da condição humana, favorecendo a criatividade e o compromisso do trabalhador (MARTINS; OLIVEIRA, 2012, p. 235).

A Psicodinâmica do Trabalho, criada por Christophe Dejours, trouxe, de acordo com Bueno, Avelino e Macêdo (2012), um novo olhar para as ciências do trabalho, ao propor a criação de espaços de discussão onde os trabalhadores pudessem expressar sua voz, suas inquietações, seus sentimentos e as contradições que envolvem o contexto do trabalho e que são responsáveis pela maioria das causas geradoras de prazer e de sofrimento. E segundo Bueno, Avelino e Macêdo (2012, p.310-311), a Psicodinâmica do Trabalho, apresenta uma “abordagem científica capaz de explicar os efeitos do trabalho sobre os processos de subjetivação, as patologias sociopsíquicas e a saúde dos trabalhadores”.

Para Dejours, Abdouchelli e Jayet (1994), a Psicodinâmica do trabalho propõe cinco categorias para estudar a relação organização do trabalho e trabalhador. As categorias da Psicodinâmica são compostas por duas grandes categorias: a primeira categoria refere-se à organização de trabalho e é composta por: organização do contexto do trabalho (divisão de tarefas e repartição das responsabilidades); condições de trabalho (ambiente físico, biológico e condições de higiene e segurança); relações de trabalho (internas e externas, com colaboradores, chefias e clientes). A segunda categoria refere-se à mobilização subjetiva do trabalhador, sendo composta pelas vivências de prazer e sofrimento;

inteligência prática (estratégias defensivas, forma de lidar com situações imprevistas, minimizando o sofrimento); cooperação (a maneira de agir em grupo); espaço de discussão coletiva (espaço de fala e escuta de opiniões).

Faz parte dos conceitos básicos da Psicodinâmica do Trabalho: sublimação, ressonância simbólica, mobilização subjetiva, vivências de prazer, ressignificação do sofrimento e identificação com o trabalho subjetivo, dando sentido e proporcionando prazer no trabalho.

Inicialmente, a Psicodinâmica tinha como foco de sua pesquisa a busca de doenças mentais geradas pelo trabalho, mas o foco foi se modificando, a partir do pressuposto de como o colaborador pode ressignificar o sofrimento vivido no ambiente de trabalho, para que ele possa deixar de ser sinônimo de dor e passar a ser reconhecido como um ambiente gerador de prazer e satisfação, o foco passou a ser as defesas contra o sofrimento (por exemplo, a sublimação), visando ao trabalho como uma fonte de prazer.

O sentido que atribuímos ao trabalho é fundamental, na sublimação do sofrimento ele é importante para que possamos renomear o significado e o sentido que o trabalho tem para o sujeito, sendo um caminho que direciona para a satisfação ou insatisfação no ambiente de trabalho.

Diante do recrudescimento das situações de trabalho marcadas pelo sofrimento e do aumento das patologias relacionadas ao trabalho, ressalta-se a importância de se investigarem os mecanismos que favorecem a transformação do sofrimento em prazer ou sentido no trabalho, o que fortalece a identidade e amplia a subjetividade, processo importante na promoção de saúde (MORAES; VASCONCELOS; CUNHA, 2012, p. 218).

Dejours (1992) afirma que o trabalho precisa fazer sentido para o próprio sujeito, para as outras pessoas e para a sociedade, o reconhecimento no trabalho é fundamental para permitir a construção de uma identidade pessoal e social. O trabalho pode significar saúde, ao dar um propósito de vida às pessoas, sendo responsável por fornecer um ambiente saudável, dando prazer ao realizar suas atividades. Para Martins e Oliveira (2012), o prazer é definido a partir de dois fatores, sendo eles a valorização e o reconhecimento no trabalho, os quais consistem em:

A valorização é o sentimento de que o trabalho tem sentido e valor em si mesmo, é importante e significativo para a organização e a sociedade. O sentimento de

reconhecimento significa ser aceito e admirado no trabalho e ter liberdade para expressar sua individualidade. O sofrimento é definido a partir do fator desgaste, que é a sensação de cansaço, desânimo e descontentamento com relação ao trabalho (MARTINS; OLIVEIRA, 2012 p.232).

Em contrapartida, um trabalho que não tem sentido, segundo Tolfo e Piccinini (2007 p.42), “vai contra os valores pessoais, que não possibilita crescimento, nem seja reconhecido e valorizado pelas atividades que o indivíduo realiza em seu emprego.” Se o ambiente de trabalho não for agradável e favorecer a construção de significados negativos para o indivíduo, trazendo insatisfação e sofrimento nas relações em grupo, não tendo sentido desempenhar sua atividade. “As consequências do sofrimento podem afetar a vida do trabalhador, porque o trabalho invade toda a existência do ser humano.” (MARTINS; OLIVEIRA, 2012 p. 229).

Diante de um ambiente opressor e exaustivo, com atividades rotineiras, burocráticas ou operacionais, o trabalho deixa de ser prazeroso e de dar sentido à vida do sujeito, essas situações podem causar o adoecimento do colaborador, levando-o a um desgaste físico e mental.

Os estudos sobre o prazer-sofrimento realizados pela psicodinâmica do trabalho mostraram que quando o trabalho favorece a valorização, admiração, respeito, reconhecimento e a possibilidade de expressar criatividade, ocorre o prazer. Porém, quando o trabalho é submetido à rigidez hierárquica, centralização de informações e falta de participação nas decisões e outros, o trabalho torna-se fonte de sofrimento. Este sofrimento é capaz de desestabilizar o indivíduo, e resultar no adoecimento, como também é natural a luta contra ele (MARTINS; OLIVEIRA, 2012, p. 238-239).

Os estudos de Dejours revestem-se de importância por permitir a compreensão do contexto organizacional sobre o indivíduo, tanto de forma individual como também no coletivo, olhando o sofrimento por outra perspectiva, não apenas como sinônimo de dor, mas como uma oportunidade de fazer diferente, de transformar a situação possibilitadora de adoecimento em sofrimento criativo, gerando prazer e satisfação ao colaborador, transformando o ambiente de trabalho em algo possível de ser visto como bom e significativo seja nas relações de afeto, amor, ou no conhecimento adquirido na organização, ou nas ligações interpessoais com outros colaboradores.

No estudo realizado por Moraes, Vasconcelos e Cunha (2012), vê-se que mesmo diante das dificuldades do meio organizacional e a rigidez que constituem a organização e dificultam

o exercício da inteligência prática trazida por Dejours e a presença de sofrimento que agravam a situação dos colaboradores, dificultando a transformação do sofrimento em prazer, mesmo diante desse contexto, os trabalhadores conseguem se mobilizar na busca do sentido e significado do trabalho, seja ele individual ou compartilhado pelos colaboradores, como um sentido que gera prazer para uma equipe de profissionais. O sentido do trabalho, também, pode ser atribuído às relações de amizade e a boa convivência, geradoras de satisfação.

Por isso, é fundamental que a organização do trabalho seja flexível, proporcionando a participação dos trabalhadores, não só exercendo uma atividade, mas também participando com ideias que possam tornar o ambiente de trabalho mais saudável e com formas de realizar suas atividades de maneira mais eficiente.

Em tese, uma organização de trabalho flexível valoriza o exercício da inteligência prática, da criação e da invenção do novo. Dessa forma, a autonomia favorece a conquista do prazer no trabalho, com base na transformação do sofrimento do *não saber* em prazer de *saber fazer* (MORAES; VASCONCELOS; CUNHA, 2012, p.219).

Portanto, os estudos realizados por Dejours mostram a importância de se trabalhar com os colaboradores valorizando os pontos positivos e criando significado e sentido para as atividades que realizam, trabalhando as estratégias de defesa que favorecem a transformação do sofrimento em prazer ou sentido no trabalho. O que, de acordo com Moraes, Vasconcelos e Cunha (2012), fortalece a identidade e amplia a subjetividade, processo importante na promoção de saúde, tornando-se um trabalho saudável, o qual é capaz de identificar os limites do ser humano, proporcionando saúde, prazer e satisfação.

## Métodos

Esta pesquisa foi elaborada através de estudos bibliográficos, com a análise de livros e busca de materiais disponíveis na internet, sendo utilizadas para busca as palavras: Christophe Dejours, Wilhelm Reich, Amor, Trabalho e conhecimento; no google e scielo.

O desenvolvimento desse artigo tem como base a apresentação das ideias de Wilhelm Reich sobre aquilo que considerava como fontes de energia para a vida; em seguida a ênfase recai sobre o entendimento do trabalho na perspectiva da Psicodinâmica, como uma fonte de

prazer. E, por fim, discute-se a possibilidade da atividade laboral ser uma atividade que propicie sentido e prazer nos dias atuais.

Os principais autores pesquisados foram: REICH, Wilhelm e DEJOURS, Christophe.

Para discussão do tema seguimos o percurso bibliográfico indicado abaixo:

Tópico	2.1 As fontes da vida na perspectiva Reichiana.	2.2 O trabalho como fonte de prazer na perspectiva Dejouriana.	4 Resultados e Discussão: Haveria saída para o Zé Ninguém nos dias atuais?
Objetivo	Apresentar as principais ideias de Reich sobre o tema;	Apresentar as ideias de Christophe Dejours sobre a possibilidade de o trabalho ser prazeroso.	Discutir se nos dias atuais haveria um Zé Ninguém cuja relação com o trabalho possa ser prazerosa.
Elementos Principais:	O amor como a energia vital que deveria governar a vida do indivíduo na promoção de sua saúde.	O trabalho como doador de sentido e prazer. Tempo; valores e suas relações materiais.	A relação do indivíduo com o trabalho. O amor. O Zé Ninguém.
Autor Primário:	REICH, Wilhelm.	DEJOURS, Christophe.	REICH, Wilhelm.
Autores Secundários:	LOWEN, Alexander. VOLPI e VOLPI.	MENDES, Ana M. MORIN, Estelle.	AFONSO, Rubens.

É uma pesquisa com ênfase na abordagem qualitativa, buscando compreender os assuntos discutidos, sem a preocupação de apresentar dados estatísticos, focando na busca de compreensão do que é pesquisado. (GONZÁLEZ REY, 2005)

Quanto à natureza, é uma pesquisa básica, como aponta Appolinário (2011, p. 146), pois permite o “avanço do conhecimento científico sem nenhuma preocupação, a priori, com a aplicabilidade imediata dos resultados a serem colhidos”.

O objetivo é exploratório, considerando que busca proporcionar maior familiaridade com o tema apresentado. (GIL, 2007)

E quanto aos procedimentos, é uma pesquisa bibliográfica pois, conforme afirma Gil (2007.p.44) “ os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são sobre investigações,

sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema”

## **Resultados e Discussão: Haverá saída para o “Zé Ninguém” nos dias atuais?**

Ao nos apresentar o Zé Ninguém em 1946 parece que Reich (1982) fazia uma previsão do homem que está vivendo nos dias atuais cujo corpo está permanentemente contraído, esperando para defender-se e cujas relações são sustentadas pela falta. Seres ávidos por satisfações, dinheiro e conhecimento intelectual provavelmente por que se sentem vazios, infelizes e desvalorizados. Cada vez mais busca-se amar e ama-se menos por que não se permitem mergulhar nas relações. De acordo com Afonso (2005, p. 3-4), a teoria de Reich se “fundamenta em libertar o corpo e a mente, criar condições para que o organismo possa se expressar livremente”.

O Zé Ninguém que carregamos dentro de nós tem uma saída: tomar conta da própria vida, traçar sua história num processo desafiador, doloroso e prazeroso. Libertar o corpo e a mente para expressar-se verdadeiramente em tudo o que faz. O amor libera o fluxo natural das energias, facilitando a função autorreguladora do ser humano.

O Zé Ninguém retrai suas emoções, reprime seus desejos e seus questionamentos, deixando de lado o que ele é para ser o que os outros esperam dele, se molda para ser aceito em uma sociedade, na qual presa por emoções ralas sem muito amor e afeto, relacionamentos passageiros e vida pessoal e social baseada em redes sociais, cercadas de falsas verdades, que molda o indivíduo como ele quer ser visto pelos outros, mas não como ele realmente é, fazendo com que ele não encare a si mesmo, fugindo de quem ele é, deixando que sua existência seja controlada pelo meio em que vive, de acordo com Afonso (2005), no livro de

Reich “Escuta, Zé ninguém!” ele nós convida a pensar:

O quanto todos os meios de controle querem fazer de nós um Zé Ninguém: a cada cena de novela, a cada produto oferecido que nos leva a pensar que se não conseguirmos tê-lo não seremos aceito no grupo, a cada promessa feita em campanha eleitoral, a cada proposta de nos tornar celebridade (AFONSO, 2005, p.2).

O Zé Ninguém tem hoje seu tempo maior de vida dedicado ao trabalho e é dessa fonte de energia que ele precisa se nutrir no seu dia a dia; sendo imprescindível que essa relação tenha a possibilidade de ser equilibrante, permitindo saídas para transformar o sofrimento patogênico em sofrimento produtivo.

Há que se ressaltar que na construção do trabalho como hoje está organizado, o Zé Ninguém passou por um processo de fragmentação, tendo sido separado do seu trabalho, impedido de ver a construção do todo, na Revolução Industrial. Nos dias atuais, o Zé Ninguém foi, também, separado de si mesmo, levado a acreditar na felicidade prometida pela Revolução Tecnológica, passando a comprar de forma impulsiva para atender suas necessidades, inclusive de aceitação. Ser alguém feliz, de sucesso passou a estar relacionado a ter bens; mercadorias; quanto maior o poder de compra, maior o valor do indivíduo para a sociedade. O Zé Ninguém está empenhado em ter ou parecer ter para atender ao discurso dominante, está empenhado em construir e manter uma imagem de sucesso, investindo aí seu tempo, passando a acreditar numa realidade ideologicamente construída, assistindo passivamente pela televisão e pela internet ao desfile das imagens de tudo que lhe falta.

O Zé Ninguém vive hoje num tempo em que o trabalho é gerenciado por novas formas de dominação disfarçadas sob um discurso humanista. Sua saída só seria possível através do amor e do conhecimento. Entretanto, o Zé Ninguém parece ser incapaz de ser em prática na vida cotidiana um ser amoroso, colocando nas mãos de um plano superior, espiritual um vir a ser que lhe foge da responsabilidade, vivendo o que Reich (2001, p.464) chamou de peste emocional: “um comportamento humano que, com base numa estrutura de caráter biopática, age de uma maneira organizada ou típica em relações interpessoais, isto é, sociais, e em instituições. [...]”

O Zé Ninguém dos dias atuais somos todos nós que nos contraímos diante das incertezas causadas pelo meio social, pelas regras da sociedade e pelo que os outros esperam de nós e assim, segue o Zé Ninguém, submetendo-se ao que lhe é apresentado na cultura dominante onde vive, afastando-se da possibilidade de encontrar a si mesmo.

Acreditando que o sofrimento pode ser resignificado como nos mostram as ideias de Wilhelm Reich e Christophe Dejours, e que a base de toda mudança é o amor, há sim, uma

saída. E a saída para o Zé Ninguém é o amor, amar o que tem, conhecer a si mesmo e realizar uma atividade laboral que seja prazerosa e permita colocar esse amor em movimento.

### **Considerações Finais:**

Reich traz que o amor, o trabalho e o conhecimento são as fontes da vida e é o que nos move. O amor faz parte de tudo que somos; ele conduz as energias positivas, sendo algo transformador, que faz parte de quem somos e nos mantém em contato com nossos sentimentos. O trabalho faz parte do contexto diário do homem, que interliga ao meio social e possibilita a construção de sua identidade, juntamente com o conhecimento adquirido, tanto nas relações de afeto quanto nas relações interpessoais que conduz ao entendimento de nós mesmos.

O trabalho faz parte da existência do homem, no qual disponibilizamos grande parte do nosso tempo de vida para a realização das atividades, adquirir conhecimento e aprimorar as competências. No entanto, a sociedade do consumo é quem move o mundo e é quem rege o Zé Ninguém dos dias atuais, que trabalha cada vez mais para adquirir bens de consumo, descuidando-se da sua saúde, tanto física como mental, que termina por ficar comprometida. O Zé Ninguém vive a falta de sentimentos, amor e prazer, deixando sua vida ser controlada pelo dominante e fugindo de si, para não encarar o seu próprio eu e dar de cara com as incertezas e dúvidas de vida.

Em seus estudos, Dejours relata que o trabalho pode ser um fator de equilíbrio, de prazer, de satisfação e de desenvolvimento pessoal, mas pode, também, constituir-se em um fator de infelicidade, sofrimento e causador de doenças. Quando o trabalho se torna sinônimo de dor e sofrimento para o sujeito, é imprescindível que seja feita uma investigação para identificar o que está lhe causando desprazer. Dentre as várias consequências que o sofrimento pode ocasionar no âmbito do trabalho está a interferência em toda a estrutura de vida pessoal e social do trabalhador.

A Psicodinâmica do trabalho ressalta a importância de trabalhar a resignificação do sofrimento, transformando o em ações que levem aos sentimentos geradores de prazer, os quais vão modificar a relação dialógica e subjetiva do indivíduo no ambiente do trabalho,

fazendo com que sua experiência com a atividade laboral seja cercada de sentido, prazer e satisfação mais do que de sofrimento.

A pesquisa realizada pelo presente artigo reconhece a importância dos fundamentos trazidos por Reich na vida do ser humano, como o amor, o trabalho e o conhecimento, e o quanto cada um faz parte da construção do indivíduo como ser social. O estudo realizado pela Psicodinâmica é fundamental para se compreender o quanto o trabalho é importante para a existência do homem e as fontes positivas das quais podemos nos nutrir em nosso dia a dia.

Essa pesquisa mostra o quanto é importante para as organizações, as academias e para a sociedade a busca de sentido e prazer no trabalho e o quanto isso pode gerar boas energias para o ser humano que vive em um mundo caótico regido pelo consumismo, o qual sempre quer mais, deixando de lado quem ele é para realizar uma atividade sem sentido, apenas por necessidade de sobrevivência e não por prazer. O sofrimento não é algo imutável, ele pode ser ressignificado. E a base de toda mudança é o amor.

Não se pretendeu neste artigo esgotar o tema, antes, provocar a reflexão e a discussão sobre o prazer no ambiente de trabalho e o sentido que lhe é atribuído na atualidade, enfatizando a transformação do sofrimento patológico em sofrimento criativo. É preciso colocar o prazer do indivíduo em questão nas metodologias e tecnologias relacionadas ao trabalho. Encontrar respostas para a manutenção da saúde mental no ambiente de trabalho requer uma flexibilidade das organizações e um diálogo entre os diversos responsáveis por desenvolver esse trabalho nas empresas tais como os psicólogos, médicos e gestores, além dos próprios colaboradores.

## Referências

AFONSO, Rubens. **Escuta, Zé Ninguém!** Curitiba. Centro Reichiano, 2005.

APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

BAJOIT, Guy e FRANSSSEN, Abraham . O trabalho, busca de sentido. In **Revista Brasileira de Educação**. (Ed. Especial). Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisas em Educação, 76-95,1997. Disponível em:

<[http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/o\\_trabalho\\_busca\\_de\\_sentido.pdf](http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/o_trabalho_busca_de_sentido.pdf)>. Acesso em: mar 2017.

BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt; PINHO, Ana Paula Moreno; COSTA, Clériston Alves. Significado do trabalho: um estudo entre trabalhadores inseridos em organizações formais. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 35, n. 6, p. 20-29, Dec. 1995. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75901995000600004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000600004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: abr 2017.

BORGES, Livia de O. e ALVES FILHO, Antonio. A mensuração da motivação e o significado do trabalho. In **Estudos de Psicologia**, 6(2), 177-194, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v6n2/7272.pdf>>. Acesso em: abr 2017.

BUENO, Marcos.AVELINO, Edinaldo. MACEDO, Katia B. O Sentido do trabalho para o escritor literário: uma análise psicodinâmica. Trabalhos Completos do XV Encontro Nacional da **ABRAPSO**, 2012. Disponível em: <[http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/543.%20o%20sentido%20do%20trabalho%20para%20o%20escritor%20liter%20C1rio.pdf](http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/543.%20o%20sentido%20do%20trabalho%20para%20o%20escritor%20liter%20C1rio.pdf)>. Acesso em: maio 2017.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth e JAYET, Christin. **Psicodinâmica do Trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas,1994.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed.São Paulo. Atlas. 2007

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**. Os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2005.

LOWEN, Alexander. **Amor, sexo e seu coração**. São Paulo: Summus, 1990.

MARTINS, Ana Claudia Alves; OLIVEIRA, Gerson. Trabalho: fonte de prazer e sofrimento e as práticas orientais. São Paulo: UNICAMP, 2012. Disponível em: <[http://www.fef.unicamp.br/feff/sites/uploads/deafa/qvaf/fadiga\\_cap16.pdf](http://www.fef.unicamp.br/feff/sites/uploads/deafa/qvaf/fadiga_cap16.pdf)>. Acesso em: abr 2017.

MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 15, n. 1-3, p. 34-38, 1995. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98931995000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931995000100009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: jun. 2017.

MORAES, Rosângela Dutra de; VASCONCELOS, Ana Cláudia Leal; CUNHA, Stephane Caroline de Paula da. Prazer no trabalho: o lugar da autonomia. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 217-227, ago. 2012. Disponível

em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-66572012000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572012000200007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: jun. 2017.

MORIN, Estelle. Os sentidos do trabalho. In **REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS**. ERA, v. 41, n. 3, Jul./Set. 2001. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rae/v41n3/v41n3a02.pdf>>. Acesso em: mar 2017.

MORIN, Estelle; TONELLI, Maria José; PLIOPAS, Ana Luisa Vieira. O trabalho e seus sentidos. **Psicologia & sociedade**, v. 19, n. 1, 2007 Disponível em:<<http://www.redalyc.org/html/3093/309326396008/>>. Acesso em: maio 2017.

OLIVEIRA, S. R.; PICCININI, V. C.; FONTOURA, D. S.; SCHWEIG, C.. Buscando o Sentido do Trabalho. In: **XXVIII EnANPAD**, 2004. Curitiba. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2004-grt-2734.pdf>>. Acesso em: maio 2017.

REICH, Wilhelm. **Escuta, Zé Ninguém**. São Paulo: Martins fontes, (1946)1982.

\_\_\_\_\_. **O assassinato de Cristo**. São Paulo: Martins fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **A função do orgasmo**. São Paulo: Martins fontes, 2004.

RODRIGUES, Patrícia F.; ALVARO, Alex L. T; RONDINA, Regina Sofrimento no trabalho na visão de Dejours. **Revista Científica Eletônica De Psicologia**. Ano IV – Número 7 – Novembro de 2006. Disponível em: <[http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/lh21p1iEajxIWcK\\_2013-5-10-15-30-2.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/lh21p1iEajxIWcK_2013-5-10-15-30-2.pdf)>. Acesso em: mar 2017.

SILVA, Sonia Regina; VOLPI, José Henrique. **Reich e a prevenção da neurose**: uma proposta de resgate do amor perdido. Artigo de conclusão do curso de Especialização em Psicologia Corporal do Centro Reichiano. Curitiba: Centro Reichiano, 2016. Disponível em:<[http://www.centroreichiano.com.br/artigos\\_monografias.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_monografias.htm)>. Acesso em: maio 2017.

TOLEDO, D. A. C.; GUERRA, A. C. Um estudo sobre o prazer no trabalho: pensando dimensões de análise. In: **Encontro da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, v. 33, 2009, São Paulo. Anais..., São Paulo: ANPAD, 2009. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/GPR581.pdf>>. Acesso em: maio 2017.

TOLFO, Suzana da Rosa; PICCININI, Valmiria Carolina. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 1, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000400007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400007)>. Acesso em: mar 2017.

VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Reich**: da vegetoterapia à descoberta da energia orgone. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.